

ENTREVISTA/Vasco Alves

'O ES cresceu com o PMDB no Governo'

ANDRÉ HEES



A GAZETA encerra hoje, com Vasco Alves, do PMDB, a série de entrevistas com os candidatos ao Governo do Estado. Nos últimos dias foram ouvidos todos os candidatos: Albuíno Azeredo (PDT), Chico Onofre (PRN), Jesus Vaz (PSD), José Ignácio (PSDB) e Renato Casagrande (PSB). Ex-prefeito de Vila Velha e de Cariacica, aos 57 anos, casado, quatro filhos, Vasco já foi também deputado federal na Assembléia Nacional Constituinte. Disputa pela primeira vez o Palácio Anchieta, numa coligação com o PMDB e o PTB. Seu vice é o empresário Luis Zouain, de Colatina.

Entre suas propostas, ele destaca o aumento da fatia orçamentária da Agricultura de 1,9% para 5%; fortalecimento da polícia interativa, sem a contribuição de organizações privadas; compra de viaturas para todos os municípios, com uma média de um carro para cada 20 mil habitantes; mudanças na gestão da Educação e da Segurança Pública, e a criação de uma superintendência de desenvolvimento do Sul, para equilibrar o crescimento econômico no Espírito Santo. Vasco argumenta que, nas administrações do PMDB, o Estado se desenvolveu.

"Quando o PMDB esteve no Governo, com os companheiros Gerson Camata e Max Mauro, o Espírito Santo cresceu."

A GAZETA - Quais as primeiras medidas que o senhor tomaria no Palácio Anchieta?

VASCO ALVES - A primeira questão emergencial é colocar em dia o salário dos servidores. Nenhum serviço público funciona com os salários dos servidores em atraso. Sou servidor público de carreira e tenho a dimensão exata do que é ter o salário atrasado. Se não bastasse isso, a economia do Estado é prejudicada porque o salário movimentava uma parte importante do comércio e conseqüentemente da indústria.

Se o pagamento atrasa, prejudica a economia. Quando prefe-

uma idéia, em 1978 Vila Velha esteve ameaçada de extinção. O governador da época (Elcio Alvares) pretendeu anexá-la a Vitória porque ela era considerada inviável. Segundo os dados da época, grande parte da região dos bairros de Santa Rita e Cobilândia estavam abaixo do nível do mar e, em função disso, grassava a esquistossomose. Isso na década de 70. Em 1982, nós apresentamos à população uma proposta nova de Governo, revolucionária, que mobilizava a população para participar do processo político administrativo,

ação com o Conselho de Medicina, as associações, segmentos da sociedade. Insistir na municipalização também é fundamental, sem esmagar os municípios.

- Quanto à segurança pública, por onde começa o combate à criminalidade?

- Sou filho de policial e tenho dois irmãos na Polícia Militar. Os baixos salários, em atraso, despreparo para o exercício da função, falta de condições materiais e a interferência constante do poder central desestruturaram os nossos policiais. Não pode a sociedade viver cativa do medo e da violência. Veja o que houve em Lúna. Assassinar o ex-prefeito, o Elio, e até hoje não se tem noti-

para o funcionamento mínimo da segurança pública nos aproximamos do caos. Não existem soluções mágicas. Só com o investimento e gerenciamento de pessoal, isento de influências políticas, a remodelação das instituições policiais pode modificar o cenário atual. Quanto à polícia interativa, vamos colocá-la na seguinte visão: você não pode ter serviço de segurança pública privatizado. Aí, você exclui segmentos importantes da sociedade no combate à criminalidade.

- O senhor fala em privatização porque a comunidade é quem acaba bancando carro, alimentação, etc?

- Exatamente. A segurança pú-

ção. Tem que extinguir por completo a ingerência política no gerenciamento da rede pública. As superintendências da Sedu, pelo Estado, pretendo preencher com técnicos da área, mediante discussão coletiva dos segmentos. E também queremos fortalecer o processo de municipalização. Do primeiro ao oitavo grau hoje é competência do município e vamos trabalhar no nível do segundo grau. Estruturar melhor o segundo grau, fortalecendo cursos técnicos, sobretudo na área da informática que é sem dúvida a linguagem do futuro. Queremos, ao longo do nosso Governo, extirpar o analfabetismo do Estado. Pretendemos, com brigadas, envolver as comunidades, os segmen-

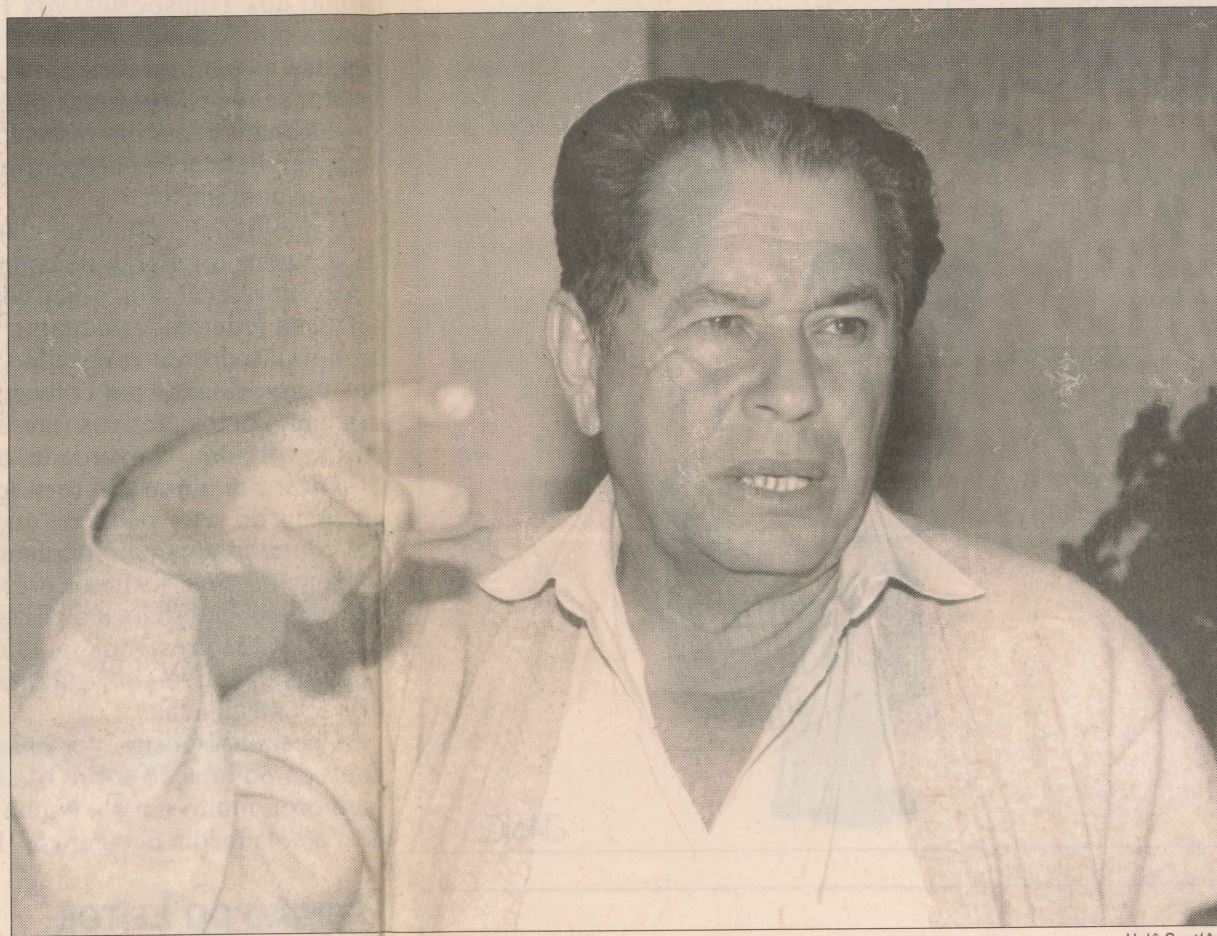
apoiando Fernando Henrique Cardoso. É a política de resultados. Onde tiver recursos, o governador vai. E eu vou colocar o Espírito Santo acima de tudo. E Fernando Henrique foi meu colega de Constituinte. Trabalhamos juntos. Aliás, nossa origem é de esquerda. Participávamos do mesmo movimento, da Unidade Progressista, o MUP. Tenho a melhor relação com o presidente Fernando Henrique. Lutei muito para o PMDB ter candidato a presidente da República por uma questão partidária mas me relaciono muito bem com o presidente.

- Que propostas o senhor tem para o desenvolvimento econômico? Que setores da economia mereceriam mais atenção?

- Uma questão que o PMDB, através de uma proposta da deputada Rita Camata e do deputado Adelson Salvador, logrou grande êxito foi a inclusão do Espírito Santo na Sudene.

- Isso é suficiente para desenvolver a região? A Sudene não enfrenta crise de recursos?

- Sim, mas agora mesmo os efeitos já se fizeram sentir. Foram contratados um sem número de trabalhadores em frentes que se abriram no Norte graças à Sudene. Os projetos industriais, os efeitos serão imediatos. Quem aplica investimentos na área do Sul da Bahia vai deixar de investir ao lado de Linhares, de Colatina? Teremos uma condição privilegiada. Pode até criar um possível desequilíbrio inter-regional e pensando nisso nós planejamos criar a Superintendência do Desenvolvimento do Sul do Estado. Os indicadores sociais são gravíssimos no Sul. O problema da agricultura, por exemplo: só em Castelo há 800 propriedades



Helô Sant'Ana

'NUNCA HOUVE UM DIA DE

na economia. Quando prefeito, sempre tive como princípio fundamental pagar o servidor sempre no último dia de cada mês.

– Depois de equilibrar as finanças e pôr o pagamento em dia, quais projetos seriam prioridade?

– Queremos retomar o desenvolvimento do Espírito Santo. Quando o PMDB esteve no Governo, através de dois companheiros, o senador Gerson Camata e o ex-governador Max Mauro, o Espírito Santo cresceu. Houve um desenvolvimento muito grande, estradas de rodagem foram abertas de Norte a Sul, de Leste a Oeste, obras de eletrificação rural surgiram em todo o território capixaba. Com os governos do PMDB muitas obras de saneamento foram feitas. A economia floresceu. Nunca houve um dia de atraso no Governo do PMDB, tanto na gestão de Gerson Camata quanto na de Max Mauro. Isso porque o PMDB é um partido forte. Tem estrutura, tem militância, tem filiados, tem quadros e quando nós chegarmos ao Governo, chegaremos com o PMDB e o PTB. Portanto, o Governo será da coligação Avança Espírito Santo. Vamos governar com os partidos que nos eleger. O Governo Collor foi um desastre porque não tinha partido. O Governo Vitor Buaziz teve dificuldades com o PT, com repercussão em toda a vida do Espírito Santo e agora o governador está no PV.

– Camata está na campanha do senhor?

– Ele está conosco. Temos inclusive uma gravação importante em que ele diz que nós, como prefeito, fizemos três ótimas administrações, tanto em Vila Velha quanto em Cariacica. Ele colocou textualmente esta questão e disse que acompanhou nosso trabalho, enquanto era governador e senador. Ele gravou isso.

– Administrar esses municípios foi uma boa escola?

– Sem dúvida. Me considero preparado para exercer a governadoria. Administrar um município como Vila Velha ou Cariacica não é fácil. São municípios de baixa arrecadação. E Vila Velha hoje é uma cidade viável. Para se ter

'NUNCA HOVE UM DIA DE ATRASO NO GOVERNO DO PMDB. ISSO PORQUE ELE É UM PARTIDO FORTE. TEM ESTRUTURA, TEM MILITÂNCIA, TEM FILIADOS, TEM QUADROS. COLLOR FOI UM DESASTRE PORQUE NÃO TINHA PARTIDO'

que despertava no cidadão seu direito de exercer a cidadania, de fiscalizar a aplicação de seus recursos públicos. Fomos eleitos e mudamos Vila Velha. Uma cidade que antes era inviável, no meu Governo se tornou viável. Mudamos a fisionomia da cidade e varremos a esquistossomose. Hoje, Vila Velha é uma cidade bonita. Tem economia própria, não é mais cidade dormitório.

– O senhor falou em esquistossomose. O Estado enfrenta uma grave crise no atendimento nos hospitais. Qual a proposta do senhor para a área de Saúde?

– Pretendemos discutir uma política de saúde com as associações que agreguem os médicos, os profissionais da área, os enfermeiros. Nós fizemos isso quando prefeito. Criamos em Vila Velha a gratificação de produtividade. O médico recebia, além do salário, um percentual em função dos atendimentos que fazia diariamente. Então, o médico tinha interesse em atender bem o paciente. Nunca tive uma greve dos médicos na minha administração. Pretendo então investir na medicina preventiva. Em Vila Velha, eu fazia a massificação de todos os tipos de vacina. Criava mecanismos adequados para vacinar a população. Vamos fazer isso no Estado. Envolver prefeituras, todo mundo, para que toda a população seja efetivamente vacinada. Depois, o médico de família. As medicinas alternativas também barateiam o custo da saúde.

– O que é medicina alternativa?

– Você não precisa exercer a medicina curativa com profissionais de alta categoria quando você pode com aconselhamentos, agentes da área da Saúde, difundir preceitos médicos, sanitários, como o uso adequado da água, para evitar que as pessoas adoçam. Vamos também discutir estratégias de

lência. Veja o que houve em Lúna. Assassinaram o ex-prefeito, o Elinho, e até hoje não se tem notícia de qualquer apuração. Esses fatores todos destruíram a ação policial. Vou fazer questão de acompanhar, como governador, a situação da segurança pública. Pessoalmente vou querer saber tintim por tintim o que está acontecendo. Com essa grande onda de criminalidade você fica a um passo do Estado de Alagoas. Esse aumento da criminalidade decorre da falta de uma política específica de Segurança Pública. A Secretaria de Segurança Pública passou a ser órgão burocrático e dispendioso.

– O senhor pretende extinguí-la?

– Sim. No primeiro dia de nosso Governo vou criar a Coordenação Governamental de Segurança Pública. Essa coordenação terá como integrantes a Polícia Militar, Polícia Civil, Ministério Público e a Defensoria Pública. Vamos integrar esses órgãos. O que ocorre hoje é que cada um desses órgãos age de uma forma. Com esse conselho, vamos traçar as diretrizes básicas e, conseqüentemente, a execução dessas diretrizes. A Secretaria de Segurança Pública hoje não é um órgão eficaz. Cuida apenas da Polícia Judiciária. Não cuida da prevenção, da política de segurança pública. Neste conselho, o governador vai estar presente. Vamos criar também um conselho de administração superior da Polícia Militar. A indicação do comandante da PM não será mais política. Esse conselho superior indica uma lista tríplice e desta lista será escolhido o comandante-geral da PM. Vamos remodelar o atual sistema de atendimento às comunidades, colocando uma viatura para cada grupo de 20 mil habitantes, que é o percentual indicado em nível internacional para garantir a segurança pública, e colocar duas viaturas em cada município do interior. Queremos o serviço de atendimento ao cidadão informatizado, e em condições de atender às demandas do cidadão. Com medidas estratégicas, vamos incentivar o cidadão a discutir a política da segurança pública. O índice de homicídios entre nós está na proporção de 30,3 para cada 100 mil habitantes.

– Como se reduz esse índice?

– Sem homens para o policiamento ostensivo, sem ferramentas para a realização das ações policiais, com o corte das compensações salariais e ainda engessamento e redução do orçamento

quem acaba bancando carro, alimentação, etc?

– Exatamente. A segurança pública deve ser pensada a partir de uma concepção em rede. A integração comunitária é a chave do processo. Você só vai ter uma polícia cidadão, que efetivamente lhe proteja, se a comunidade participar do processo. As polícias precisam de mudanças filosóficas, estratégicas, e não somente de táticas e de técnicas. Inacreditavelmente, o Espírito Santo detém hoje o melhor das tecnologias da "comunitarização" da polícia. A polícia interativa é o que existe de mais moderno na poliologia brasileira. Foi criada inclusive por Luiz Moulin, em Guaçui, e hoje ele é nosso coordenador de campanha. Mas vem perdendo substância porque vem sendo usada de forma estética, não profissional, embora com grande apelo popular. A sociedade civil organizada tem arcado com parte do ônus financeiro da atividade policial. Isso não é cabível. O financiamento estatal isenta a polícia da perigosa dependência financeira das comunidades. É preciso possuir condições objetivas para universalizar a prestação do serviço policial. Se você privatiza, você elitiza o serviço e vira o caos. Você passa a ter o serviço apenas para uma parcela da comunidade.

– Na Educação, quais são os maiores problemas da área, afóra a questão salarial?

– O compromisso maior de qualquer Governo que respeita sua população é com a educação. Temos uma experiência nessa área que precisa ser resgatada. Fui prefeito três vezes e nunca tive uma greve no magistério. Nós valorizamos o pessoal que atua na área. Fui um dos primeiros prefeitos do Brasil e o primeiro do Espírito Santo a criar o piso salarial do magistério. Na época, fixamos em três salários mínimos. Criamos também o plano de carreira, porque até então os professores entravam e ficavam até o fim da carreira no mesmo nível. É preciso que a categoria tenha o incentivo de progredir na vida profissional. A partir daí, você melhora sensivelmente a educa-

o analfabetismo do Estado. Pretendemos, com brigadas, envolver as comunidades, os segmentos organizados, para extirpar esse câncer. Criei, em Cariacica, e pretendemos restabelecer no Governo do Estado, a questão da gratificação de regência do magistério. Achamos isso fundamental para estimular o trabalho do profissional na sala de aula. Hoje, a rede educacional tem técnicos da melhor qualidade. Esses profissionais serão valorizados.

– E como se consegue dinheiro para as viaturas, para os municípios, para pagar melhor os professores? Como aumentar a arrecadação, sem necessariamente aumentar imposto? O Governo, no momento, gasta muito com a folha e sobra pouco para investir.

– Vamos aplicar bem os recursos públicos. Primeiro, quero ser um governador que acorda às cinco da manhã e vai dormir às onze da noite e atue em favor do Espírito Santo. Tenho essa experiência como prefeito. Sempre fui o primeiro a chegar e o último a sair. Vamos aplicar o dinheiro em áreas estratégicas. Vamos também canalizar recursos do Governo Federal, trabalhar investimentos na área do BNDES, financiamentos internacionais. Onde tiver recursos, nós vamos buscar.

– O apoio do Governo Fede-

'A AGRICULTURA É A ÁREA QUE MAIS EMPREGA E O SEU ESVAZIAMENTO GERA ESSA PERIFERIA. AS CONDIÇÕES DE VIDA SE DETERIORAM A CADA MOMENTO. A REGIÃO DA GRANDE VITÓRIA ESTÁ SE TORNANDO INSUPOORTÁVEL'

ral é essencial para sair da crise? Como seria a relação do senhor com o Governo?

– Temos essa experiência. Fui prefeito de oposição ao Governo e sempre levei meus projetos e sempre consegui recursos. Me lembro bem, de Santa Rita, eu era de oposição, e o bairro de Santa Rita tinha muitas dificuldades. Hoje, é um bairro todo urbanizado. É uma cidade. Evidentemente, não vou fazer oposição ao Governo e meu partido está até

o problema da agricultura, por exemplo: só em Castelo há 800 propriedades abandonadas na área rural. Você visita o interior do Estado e vê o empobrecimento crescente.

– De onde viriam os recursos para essa superintendência?

– O órgão teria o objetivo de investir em setores produtivos da região, com recursos do Funres, Geres, Fundap, Bandes e BNDES e do próprio tesouro estadual. Com isso, fortaleceríamos a economia de toda a Região Sul, transformando Cachoeiro num centro referencial do mármore e granito. Fortaleceríamos o setor industrial, consolidaríamos Cachoeiro como pólo comercial regional, providenciaríamos a reestruturação da economia leiteira. Na área da Agricultura, hoje, o Espírito Santo gasta apenas 1,9%. É grave. Ao longo do meu Governo quero aumentar para 5%, até o segundo ano de mandato. Conheço o drama da periferia da Grande Vitória mais do que ninguém. O esvaziamento da agricultura resulta nessa periferia, que aumenta a cada dia e as condições de vida se deterioram a cada momento. A região da Grande Vitória está se tornando insuportável. Quero ser o governador que vai valorizar a agricultura. É o setor que mais emprega mão-de-obra. Se você cria condições para a agricultura, automaticamente combate o desemprego. Pretendo abrir frentes de trabalho e promover políticas próprias de combate ao desemprego. O Estado vai ser parceiro da iniciativa privada, indutor do desenvolvimento econômico. Vamos fazer também uma política de descompressão fiscal.

– Isso é redução de imposto?

– Veja, minha mãe tinha um pequeno comércio e eu me lembro bem de ela reclamando da pressão fiscal. Quero, no Estado, fazer essa descompressão. Não é redução. Quero colocar os empresários como parceiros do Governo do Estado. Não quero que esse setor fique aterrorizado com a ação fiscal do Estado. Quero que ele, através de políticas de relações públicas e de incentivos, seja parceiro no cumprimento da legislação fiscal. Queremos receber o que o Estado tem direito mas que eles se sintam bem. No primeiro dia de Governo vamos fazer uma revisão nas alíquotas para colocar a pequena, a média empresa na condição de ampliar o número de empregos. Essa descompressão fiscal, tenho certeza, vai ampliar o pagamento de impostos.